

CARMILLA, DE JOSEPH SHERIDAN LE FANU: O LESBIANISMO COMO CAMPO DA MEMÓRIA SUBTERRÂNEA

Marília Milhomem Moscoso Maia – mariliamilhomem@gmail.com
Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6524-5063>

Rarielle Rodrigues Lima – rariellerodrigues@gmail.com
Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-8494-302X>

Sandra Maria Nascimento Sousa – sandraufma@gmail.com
Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-9501-7363>

RESUMO: Este artigo pretende analisar a obra *Carmilla* de Joseph Sheridan Le Fanu evidenciando que por intermédio da narração e das memórias de Laura é possível compreender o lesbianismo como espaço do privado, da memória subterrânea ou do trauma. Destacaremos o lesbianismo na narrativa como algo diluído, apresentado ora como amizade, ora como admiração ou aversão. *Carmilla* é uma obra ainda pouco conhecida e não apresenta trabalhos que contemplem uma discussão teórica sobre a memória e o lesbianismo existentes na narrativa de Le Fanu. O espaço literário, a memória e o lesbianismo serão tratados sob uma proposta interdisciplinar das contribuições de Michel Foucault (1996; 2015), Sedgwick (2007), Michael Pollack (1992; 1989) e Maurice Halbwachs (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Lesbianismo; Memória subterrânea; Segredo

1 INTRODUÇÃO

A obra *Carmilla*, de Joseph Sheridan Le Fanu, publicada inicialmente em 1872, teve inúmeras edições e reedições ao longo dos anos¹, incluindo uma adaptação para o cinema e mais recentemente, em 2014, foi lançada como uma websérie² canadense pela plataforma Youtube©. Estes processos de adaptação e reedição vivificam a obra em diversos contextos, permitindo outras interpretações e análises. Desse modo, a partir da novela de Joseph Sheridan Le Fanu se discute a relação amorosa entre as personagens Laura e Carmilla como espaço do privado e de uma memória subterrânea.

Ao longo da narrativa eclodem questões sobre amor, memória e identidade culminando em uma escrita tensa e muitas vezes confusa – em algumas passagens, por exemplo, o autor não

¹ *Carmilla* é uma novela curta, que originalmente foi publicada por Joseph Sheridan Le Fanu na revista *Dark Blue* entre 1871 e 1872. A obra foi escrita vinte e cinco anos antes de *Drácula* (1897), de Bram Stoker. Ao longo do século XX, a obra serviu de inspiração também para filmes como *O vampiro* (*Vampyr*) do dinamarquês Carl Theodor Dreyer (1931), *The vampire lovers* (1970), entre outros.

² Tornou-se uma web série criada por Jordan Hall e Ellen Simpson, estrelada por Elisa Bauman e Natasha Negovanlis. A web série estreou no YouTube em 19 de agosto de 2014 e é uma adaptação da obra literária de Sheridan Le Fanu. A história se passa na fictícia Universidade de Silas na Estíria, Áustria e é contada por intermédio de vídeos gravados por Laura, uma aluna do primeiro período de jornalismo. Laura começa a investigar o desaparecimento da sua colega de quarto, é quando ela conhece Carmilla que passa a ser a sua nova colega de quarto.

esclarece pontos sobre o processo de transformação da personagem Carmilla e como ela entrava e saía de seu quarto “aparentemente” trancado para atacar a indefesa Laura. Não se percebe muito bem sobre a natureza dos ataques da personagem, se esta é um gato, um fantasma ou simplesmente um espectro. Por vezes, Le Fanu traz uma personagem que contraria as leis da física ao ocupar dois lugares ao mesmo tempo.

Por outro lado, Le Fanu inova ao trazer pela primeira vez o mito do vampiro encarnado em uma figura feminina. Carmilla é uma personagem misteriosa e ao mesmo tempo monstruosa que se alimenta de sangue e também da inocência das jovens. É uma figura transgressora e uma ameaça ao patriarcado da época. Portanto, a vampira deve ser eliminada por romper as normas e padrões de uma sociedade comandada por homens. A obra torna-se um marco na literatura gótica e das histórias de vampiro, e, sem ela provavelmente o famoso conde Drácula criado por Bram Stoker não teria existido.

Utilizando como fundamentação teórica as contribuições de Michael Pollack (1992) e Maurice Halbwachs (2006), a primeira parte deste artigo trará um panorama da novela em relação ao processo de rememoração da personagem Laura ao se lembrar de seu relacionamento com Carmilla, tendo em vista a construção de uma memória como âmbito do privado, isto é, uma memória subterrânea. A segunda parte discorrerá sobre o lesbianismo na narrativa como algo diluído, apresentado ora como amizade, ora como admiração ou aversão. Aqui a relação amorosa entre as duas jovens será apresentada como um segredo, limitado ao espaço da privacidade feminina. No entanto, isto é resultado dos paradigmas da época em que Joseph Sheridan Le Fanu escreveu a sua obra.

2 OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO

Cabe-nos inicialmente nos perguntar o que é a memória, quais são os seus processos e como se produz o esquecimento. A memória diz respeito “às reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente. Ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado” (LEAL, 2012, p. 1). Maurice Halbwachs (2006) afirma que toda memória é seletiva e também um processo de negociação entre uma memória coletiva e memórias individuais. Para ele, este processo funciona como uma espécie de colaboração entre o individual e o coletivo, pois “para que a memória se beneficie das dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos [...] é preciso que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem

possa ser reconstruída sobre uma base comum” (HALBWACHS apud POLLACK, 1989, p. 4). Portanto, a memória seja ela coletiva ou individual é

[...] reconstruída a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros. Elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Por intermédio dos estudos de Halbwachs (2006), que se passa a se pensar em uma memória não mais no plano do individual, mas do coletivo ao se considerar que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Segundo ele, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada (HALBWACHS, 2006). O estudioso ainda nos fornece contribuições importantes como o conceito de memória coletiva, a rememoração e a duração de uma lembrança.

Trabalhos com a memória têm apresentado novas perspectivas, passa-se a utilizá-los como forma de inclusão de memórias subterrâneas de sujeitos excluídos (negros, mulheres, homossexuais, lésbicas, refugiados, etc.) e invisibilizados por uma cultura hegemônica e heteronormativa. Assim, a memória subterrânea, proibida ou clandestina surge em momentos de ressentimentos acumulados ou em momentos de sofrimentos, demorando a ser publicada. Por isso, ela permanece por um longo tempo protegida em uma zona de silêncio. Logo que se rompe o tabu e o segredo, estas memórias privadas invadem o espaço público por meio das mais variadas manifestações, na literatura, nos meios de comunicação, no cinema e na pintura, por exemplo.

Essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLACK, 1989, p.4).

A memória além de ter um caráter coletivo, individual e social, ela apresenta um caráter psicológico quando pensamos no pressuposto de que “lembrar” requer um acontecimento e um ator. Aqui há a presença de uma noção de memória individual, na medida em que é necessário haver uma pessoa que participou desta memória, seja como ator ou como ouvinte, que se lembre do fato podendo guardá-lo ou relatá-lo. Temos uma memória caracterizada como a capacidade de armazenar dados e informações, classificada também como uma memória individual. Para que esta memória ser torne coletiva é preciso que haja um testemunho para que este fato se perpetue e se

torne a memória de um grupo. Segundo Halbwachs, esse testemunho serve para “reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

É importante questionar como o indivíduo consegue recordar fatos em diferentes situações e/ou circunstâncias? Para Halbwachs (2006), a duração de uma memória se limita a duração da memória de um grupo. No entanto, é necessária a preservação de elos entre os integrantes de um grupo para a preservação de determinada memória. Esta lembrança só se preservará se os integrantes se sentirem pertencentes a este grupo. Halbwachs (2006, p.69) destaca que

[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Uma lembrança só é reconstruída se os atores sociais buscarem marcas de proximidade que os permite fazer parte de um mesmo grupo, dividindo as mesmas recordações. Se não houver uma identificação, não acontecerá o processo de rememoração, pois, segundo Halbwachs (2006), os indivíduos só se lembram por meio de quadros que guardam e que regulam os fluxos da lembrança, processo este chamado pelo teórico de quadros sociais de memória. É a continuidade destes quadros de memória que fazem com que o indivíduo em diferentes circunstâncias rememore, fortalecendo assim a memória coletiva e definindo o que ele/ela deve lembrar ou esquecer.

Neste processo de rememoração coletiva, existem critérios que irão definir o que será lembrando ou esquecido. Na rememoração existem dois planos, no primeiro plano terá destaque aquilo que foi vivido em grupo por um maior número de pessoas, isto é, o que é resultado de experiências coletivas. No segundo plano, estarão as experiências de um número menor de integrantes. Estas duas características serão determinantes nas lembranças de grupos menores em relação a um grupo maior e de quais lembranças serão lembradas e quais serão esquecidas.

Na rememoração de uma lembrança subterrânea, há um silêncio sobre o passado que “está ligado a uma forma de encontrar um *modus vivendi* com aqueles que de perto ou de longe, ao menos sobre a forma de consentimento tácito” (POLLACK, 1989, p.3) participaram de alguma forma desta lembrança. O que é problemático é a questão do silêncio, pois para “poder relatar os seus sofrimentos a pessoa precisa, antes de mais nada, encontrar uma escuta” (POLLACK, 1989, p.4). Por isso, na medida em que o sujeito encontra um ouvinte confiável, ele/ela busca o repasse desta lembrança como forma de fugir do esquecimento. No entanto, estas lembranças sempre estão em processo de deslocamento, pois não estão em um estado completo de esquecimento ou reprimidas pelo inconsciente. Elas apenas precisam de um momento propício para se manifestarem.

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um outro aspecto. Sobretudo a lembranças de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos (POLLACK, 1989, p. 6-7).

Na obra aqui analisada, Joseph Sheridan Le Fanu faz uso de um acontecimento ocorrido na infância da personagem Laura para desenvolver a sua narrativa, criando uma espécie de lembrança subterrânea que só irá fazer sentido ao final da novela. Os acontecimentos são narrados em primeira pessoa, mediante as lembranças de Laura. A personagem nos conta a história de uma jovem misteriosa que se hospeda no castelo de sua família localizado na Estíria, Áustria Centro-Oriental. A chegada inesperada desta moça misteriosa revela sentimentos tanto de alegria quanto de euforia por parte de Laura, que se mostra ser uma jovem solitária e carente de amigas femininas de sua idade. O escritor usa a personagem Laura como um instrumento que nos coloca a par da situação e de um cenário, os quais nos inserem automaticamente na história. Estas lembranças de Laura e o seu relacionamento com Carmilla irão mudá-la completamente.

Carmilla será uma espécie de entidade que irá marcar a transição de Laura da infância para a adolescência. Ela será uma “referência ao passado, [...] para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLACK, 1989, p. 9) de Laura. É evidente que depois desse processo de rememoração dos acontecimentos, Laura não será mais a mesma. Antes de conhecer Carmilla, a jovem vivia sob a superproteção de seu pai e de suas amas e governanta. Na primeira parte da novela, a jovem relata a memória de um acontecimento que marcou profundamente a sua infância. Segundo a personagem, este acontecimento produziu uma sensação terrível em sua mente, que na realidade nunca foi esquecida.

O berçário, como era chamado, onde eu tinha tudo para mim, era um grande aposento na parte superior do castelo, com um íngreme telhado de carvalho. Eu não devia ter mais de seis anos de idade quando, uma noite, acordei. Olhando ao redor do quarto, de minha cama, não consegui ver o que veria normalmente. Minha babá não estava lá e me vi sozinha. [...] Eu estava aborrecida e insultada por achar-me, como imaginava, negligenciada, e comecei a choramingar, preparatórias para uma amável descarga de choro que se seguiria. Foi quando, para minha surpresa, vi um rosto solene, mas muito lindo, olhando-me ao lado da cama. Era o de uma jovem ajoelhada, com as mãos sob o cobertor. [...] Olhei para ela com uma espécie de prazerosa admiração e parei de choramingar. Ela me acariciou com as mãos e ficou ao lado da cama, atraindo-me para ela, sorrindo. Senti-me imediata e deliciosamente calma e adormeci novamente. Fui acordada com a sensação de duas agulhas penetrando o meu peito profundamente e chorei muito alto (LE FANU, 2014, p. 7).

Depois do fato descrito acima, Laura confessa que se esqueceu de tudo o que viveu anteriormente a esse evento. Mas, também, afirma que a situação vivida volta em sua mente como imagens isoladas e fantasmagóricas. Ao descrever estes fatos, eles se articulam como “forma de denunciar aqueles aos quais se atribuiu maior responsabilidade pelas afrontas vividas” (POLLACK, 1989, p. 7). Segundo Pollack (1992), a memória é um fenômeno construído e compreende um processo entre o eu e o outro. Posteriormente, quando Laura conhece Carmilla as duas irão confessar que tiveram o mesmo sonho, ou seja, a mesma memória.

Eu vi o mesmo rosto que visitara-me em minha infância, á noite, que se manteve tão fixo em minha memória e sobre o qual, por muitos anos, tantas vezes ruminei com horror, quando ninguém suspeitava sobre o que eu estava pensando. Era lindo, lindo mesmo, e quando eu a olhei inicialmente, tinha a mesma expressão melancólica. Mas isso quase instantaneamente iluminou-se em um estranho sorriso de reconhecimento. Houve um silêncio completo de um minuto e, em seguida, na sequência ela falou.

- Que maravilhoso! – ela exclamou. – Doze anos atrás, eu vi seu rosto em um sonho e ele tem-me assombrado desde então.

- Maravilhoso realmente! – repeti, com um esforço para superar o horror que tinha por algum tempo suspenso minhas palavras. – Doze anos atrás, em visão ou realidade, eu certamente vi você. Eu não poderia esquecer o seu rosto. Manteve-se diante dos meus olhos desde então (LE FANU, 2014, p. 16).

Nem sempre, os sujeitos gostam de lembrar sobre acontecimentos traumáticos, no entanto, Laura faz uso desta lembrança para entender o que aconteceu e explicar realmente quem era a sua hóspede. Aqui, temos a compreensão de uma memória como “um processo seletivo e [que] pode se tornar uma arma política para as vítimas, em que o esquecimento estabeleceu a sua hegemonia” (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p.96). Sendo, também, que a constituição da identidade de Laura se dará em função de Carmilla, pois “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLACK, 1992, p.2014).

3 O LESBIANISMO DE JOSEPH SHERIDAN LE FANU E A MEMÓRIA SUBTERRÂNEA

Laura em seu processo de rememoração sobre o seu relacionamento com Carmilla revela o quanto a sua memória é perpassada por uma variada e complexa rede de interações sociais vivenciada com a vampira³. Aqui é importante destacar as contribuições de Halbwachs (2006) ao dizer que a memória é constituída por indivíduos em interação e por grupos sociais, sendo as lembranças individuais resultados desse processo. Neste sentido, ainda que Le Fanu tenha pensado

³ A personagem Carmilla dá início ao mito do vampiro na literatura universal. É descrita como uma vampira de beleza extraordinária que sempre se apaixona por suas vítimas femininas.

que a memória de Laura era de base pessoal e individual, uma vez que a personagem resgatou fatos que somente ela vivenciou, viu e presenciou, ela é uma memória coletiva, pois o indivíduo é resultado das interações sociais.

A obra literária *Carmilla* é a “primeira publicação em que o mito do vampiro aparece focalizado em uma representação feminina e é tida como uma das melhores histórias de vampiro, transformando-se em uma importante referência para o mito do vampiro e sua versão feminina na literatura” (CAMPOS, 2008, p. 64). Todavia, no período de publicação do livro, caracterizado por um regime vitoriano e por aquilo que Michel Foucault (2015) descreveu como a pudicícia imperial figurada no brasão de uma sexualidade contida, muda e hipócrita, Le Fanu rompe com este pressuposto ao abordar nas entrelinhas de sua obra que o excesso de “inocência” é um sentimento nocivo e prejudicial tanto para o sujeito quanto para a sociedade.

Há um envolvimento emocional, físico e sobrenatural entre as duas personagens femininas. Sheridan Le Fanu sustenta uma percepção de lesbianismo diluído em algo torturante e codificado em um duplo sistema de significações binárias oposicionais como prazer/desprazer; amor/ódio; alegria/raiva e proibido/desejável. A passagem abaixo exemplifica estes sentimentos.

Aquelas sensações misteriosas me desagradavam. Eu sentia uma excitação estranha e perturbadora, por vezes prazerosa, mesclada com uma vaga sensação de medo e certa aversão. Quando tais cenas ocorriam, não me vinham à mente quaisquer pensamentos definidos acerca de minha amiga, mas eu tinha consciência de um afeto que se transformava em veneração – e também de um repúdio. Sei que isso é paradoxal, mas não tenho outra explicação para o sentimento (LE FANU, 2014, p. 68).

A sugestão de um homoerotismo entre as personagens é codificada em um “[...] sistema de duplos vínculos, oprimindo sistematicamente as pessoas, identidades e atos gays ao solapar, por meio de limitações contraditórias ao discurso, as bases de sua própria existência” (SEDWICK, 2007, p. 26). Le Fanu construiu *Carmilla* como uma forma de transgredir a sociedade de sua época, por intermédio do mito do vampiro. Esta construção não aconteceu de maneira tão simples. O mito do vampiro funcionou como uma espécie de alegoria para trabalhar a questão do poder e da dominação feminina pela sociedade patriarcal. *Carmilla* é a mulher vampiro, “a mulher intimidadora, aquela de quem não se pode resistir, ou fugir” (CAMPOS, 2008, p.68).

Antes de conhecer *Carmilla Karnstein*, Laura era um objeto doméstico com uma vida sem muita relevância. Era uma jovem isolada e carente de contato com outras pessoas de sua idade. As governantas exerciam controle sobre ela, bem como o pai, seu único parente que permitia-lhe escolher seu próprio caminho em quase tudo, sem permitir a quebra deste vínculo ou o

desenvolvimento de uma emancipação. Carmilla surge como uma figura de encantamento, de amizade e de amante, pois é a única pessoa por quem Laura desenvolve uma relação mais íntima.

Carmilla é a representação de uma jovem livre que transita por espaços dos quais Laura não tem acesso. Inicialmente é uma personagem que não representa nenhuma ameaça. É jovem, atraente, sensível e delicada. Seduz a todos com a sua educação, beleza e mistérios. A vampira gosta de se relacionar com moças de sua idade e é com estas que ela vive e cria um vínculo afetivo, amoroso e emocional. Existe uma atração sexual entre Laura e Carmilla, mas também há um sentimento de repressão sexual feminina porque a Europa foi

impulsionada pela relação distintivamente indicativa entre homossexualidade e mapeamentos mais amplos do segredo e da revelação, do privado e do público, que eram e são criticamente problemáticos para as estruturas econômicas, sexuais e de gênero da cultura heterossexista como um todo (SEDWICK, 2007, p.26).

Portanto, a homossexualidade feminina presente na escrita de Le Fanu é reprimida, assim como na sociedade do século XIX. Sendo assim, ambas as personagens se envolvem em um relacionamento amoroso, cuja ligação faz com que nos deparemos com um relacionamento homossexual concebido como doentio na época que o livro foi escrito, o que fica claro nos sentimentos de atração e de repulsa de Laura por Carmilla.

Eu não podia me gabar de pequenas atenções típicas de galanteios masculinos. Entre os tais momentos apaixonados, havia longos intervalos de atividades corriqueiras, de brincadeiras, de melancolia, quando, exceto pelos olhares plenos de uma melancolia inflamada que me seguiam, era como se eu não existisse para ela. Salvo esses breves períodos de misteriosa excitação, seus modos eram femininos; e havia nela sempre uma letargia bastante incompatível com o metabolismo masculino em estado saudável (LE FANU, 2014, p. 69).

Joseph Sheridan Le Fanu descreve uma sociedade presa a era vitoriana, onde “a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala” (FOUCAULT, 2015, p.7). No decorrer da narração, percebemos uma transformação do comportamento e da identidade feminina, especificamente, na personagem Laura. Mesmo que o relacionamento afetivo entre Laura e Carmilla exista o desejo, há também uma repressão desse sentimento, pois a mulher não era um sujeito livre para viver as suas vontades pessoais, amorosas e afetivas entre os séculos XVIII-XIX. Consequentemente, este relacionamento, em um primeiro plano da narrativa aparece como uma memória subterrânea e como uma lembrança que precisou passar por um longo período de silêncio para finalmente ser relatada.

O relato de Laura é perpassado por um sentimento coercitivo e do medo de uma falta de credibilidade em relação a quem produz esta lembrança, no caso, uma mulher. A personagem inicia o seu relato enfatizando que o que ela conta irá exigir do/a leitor/a toda a sua fé em sua sinceridade (LE FANU, 2013, p.9). Ora, sabemos que segundo Foucault (1996) historicamente nem todos os sujeitos tinham o poder de fala ou de proferir determinado discurso, por exemplo, loucos, mulheres e homossexuais eram controlados e tinham os seus discursos perpassados por formas de poder e repressão.

Para que de fato o relato de Laura tenha um teor de credibilidade, Le Fanu estruturou muito bem a sua obra, na medida em que fez o resgate de uma lembrança de infância traumática até o momento de inserção da personagem Carmilla, não mais como uma lembrança, mas, como uma moça nobre e estranha que sofre um terrível acidente de viagem até o momento da grande revelação de que esta é uma figura de origem sobrenatural. Joseph Sheridan Le Fanu utilizou o artifício do relato pessoal e da lembrança, mesmo que de forma ficcional, como pressuposto para que a personagem Laura tirasse de toda a situação vivida uma lição baseada na experiência e na dor de ter convivido com Carmilla. Logo,

a memória não obedece apenas à razão porque ela também está relacionada, por um lado, a tradições herdadas, que fazem parte de nossas identidades e que não respondem a nosso controle, e, por outro, a sentimentos profundos, como amor, ódio, humilhação, dor e ressentimento, que surgem independentemente de nossas vontades (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 96).

O/a leitor/leitora se entrega aos fatos e as experiências pessoais de Laura, pois ao mesmo tempo em que ela narra, ela também vivencia a história. Entretanto, a leitura do texto é perpassada pela percepção do ponto de vista da personagem. É ela que nos envolve nos seus relatos. Nós leitores/leitoras estamos imersos em sua verdade absoluta e o fato de contar esta lembrança é a forma da personagem registrar este acontecimento, fugindo do esquecimento e avançando em busca dos modos de como Carmilla vai ser lembrada em sua mente.

Na primavera seguinte, meu pai me levou a um passeio através da Itália. Nós permanecemos afastados por mais de um ano. Foi muito antes do terror dos acontecimentos decrescer. Até agora a imagem de Carmilla retorna à memória com ambíguas alternância, às vezes, a lúdica, lânguida, linda menina; às vezes o convulso demônio que vi na igreja arruinada. Muitas vezes, em um devaneio que inicio, imagino ouvir os passos leves de Carmilla na porta da sala de estar (LE FANU, 2014, p. 81).

Ao término da leitura da obra Carmilla percebemos que Laura amadurece significativamente, ela deixa de ser tão inocente, tradicional e moldada por uma sociedade vitoriana. Antes de conhecer Carmilla, a personagem vivia presa a ignorância de nada conhecer e saber sobre

a paixão ou de conviver com moças de sua idade. No decorrer do seu envolvimento com a vampira, Laura muda e deixa de ser uma jovem inocente e imatura. Por outro lado, Joseph Sheridan Le Fanu, faz com que a vampira permaneça eternamente na mente de Laura e nas páginas de seu livro como uma jovem, bela e sedutora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua história, Laura coloca-nos ciente de sua memória e relato pessoal sobre a vampira Carmilla. Ela descreve de forma pessoal desde o primeiro aparecimento da vampira na sua infância até os dias que conviveu com a mesma, levando-a a uma experiência de quase morte. Joseph Sheridan Le Fanu utiliza a figura mítica do vampiro como alegoria para descortinar temas sobre relações amorosas impróprias, a perversão e o lesbianismo. Em sua figura humana, Carmilla vive sob a égide de uma sociedade repressora e patriarcal. É somente na forma animalesca que ela se livra das amarras da repressão.

Tanto Laura quanto Carmilla são prisioneiras do espaço privado pelo domínio das leis patriarcais (o homem tem o poder do comando) e as mulheres são destinadas ao espaço doméstico, o que é uma ilusão, pois o homem também ditava as regras do espaço doméstico. O espaço doméstico, o espaço de circulação da mulher era limitado. A vampira rompe esse patriarcado ao se alimentar de suas vítimas (mulheres) para a manutenção de sua condição de morta-viva, criando uma relação de dependência ao dominar a sua escolhida (Laura), roubando-lhe a inocência e compartilhando a experiência de um relacionamento de dependência sexual, afetiva e mental. Segundo Campos (2008), esse patriarcado é sustentado pela figura do pai de Laura e do general Spielsdorf, pois o homem é a maior autoridade, e as pessoas que não se identificam fisicamente com ele (que não são do sexo masculino) são subordinadas a eles, prestando-lhe obediência.

É visível uma relação de poder entre Carmilla e Laura. A vampira não quer somente se alimentar do sangue da jovem, mas estabelecer um vínculo de co-dependência, de poder e de controle sobre a sua vítima.

Tímido e estranho foi o olhar com que ela rapidamente escondeu seu rosto em meu pescoço e cabelos, com tumultuosos suspiros que parecia quase soluçar. Apertou-me a mão com mão trêmula. Sua face suave ardia contra a minha.
- Querida, querida – ela murmurou. – Eu vivo em você e você poderia morrer por mim, eu a amo tanto (LE FANU, 2014, p. 27).

Carmilla encantou e enganou todos/todas que conviviam com Laura. Aqui temos a construção de uma imagem do consciente coletivo de que os/as vampiros/vampirás em sua forma humana são criaturas de uma beleza esplêndida e com um poder de sedução capaz de envolver

sexualmente tanto mulheres quanto homens. Foi isto que fez com que todos/todas que convivessem com Laura se sentissem encantados com a beleza e os modos educados de Carmilla. A vampira seduzia com o seu ar nobre, belo e misterioso.

Eu queria libertar-me desses abraços loucos, de resto muito pouco frequentes. Mas toda resistência parecia abandonar-me. O murmúrio de sua voz era uma borboleta volteando no meu ouvido, minha energia se esvaía, e eu cedia a uma espécie de êxtase para só sair dele no instante em que seus braços me soltavam (LE FANU, 2014, p. 30).

Joseph Sheridan Le Fanu inova ao ser um dos primeiros escritores a adentrar pelas histórias de horror ao abordar temas como o envolvimento amoroso entre duas jovens mulheres e a inserção de uma figura feminina (Carmilla) que rompe mesmo que momentaneamente com as rédeas de uma sociedade opressora e patriarcal. Representando também uma relação baseada em uma co-dependência entre duas mulheres, entre vampira e vítima, além de sentimentos que vão desde ao erotismo, a aversão e até mesmo a paixão.

Le Fanu foi um dos primeiros escritores a trazer para a sua narrativa a representação de uma mulher com desejos e sentimentos sexuais, mesmo que utilizando uma perspectiva do homem se sobrepôr a mulher – o que se comprova com o fim trágico da vampira e o simples fato desta se mostrar tão passiva no momento de sua morte. Carmilla ao contrário de Drácula, não se tornou um mito poderoso. No seu fim, a vampira reforça o discurso da época da passividade feminina e aceita a sua trágica morte.

Antes de conhecer Carmilla, Laura era apenas um objeto doméstico, um bibelô protegido pelas suas damas de companhia e pelo pai. No entanto, a vampira não fica no ostracismo do esquecimento, pois mesmo morta ainda exerce certo domínio sobre Laura. Tanto que ela se utiliza do artifício da memória, mesmo que uma memória do privado, para fazer o registro e a rememoração do que propriamente viveu. Registrando o que foi de mais significativo de sua relação com a vampira.

A presença de um relacionamento afetivo e amoroso relatado como uma memória subterrânea proporcionou a evolução da personagem, bem como a associação desta memória a construção de características positivas na personagem Laura, como autonomia e liberdade. Laura nos ensina que tanto os traumas como as memórias subterrâneas são experiências vivenciadas e que podemos trabalhá-las de maneira significativa, mesmo que sejamos produtos de uma sociedade que sempre busca formas de nos reprimir moralmente, religiosamente ou sexualmente.

5 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **História, memória e esquecimento**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, Dez. 2007, p. 95-111. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/79/RCCS79-095-111-MPNascimentoMSepulveda.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2017.

CAMPOS, Ludmila Rode de. **Carmilla e Sabatella: em busca de uma identidade feminina em Joseph Sheridan Le Fanu**. 2008. 137f. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. São José do Rio Preto, São Paulo, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. 3 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE FANU, Joseph Sheridan. **Carmilla**. Tradução Eduardo Kraszcuk. São Paulo. Editora KZK, 2014.

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs**. Revista Linguagem, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao18/artigos/045.pdf>>. Acesso em 29 jun. 2017.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. Disponível em: <<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>> Acesso em: 20 de jul. 2017.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf> Acesso em: 22 jul. 2017.

SEDWICK, Kosofsky Eve. **A epistemologia do armário**. In Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007, p. 19-54. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>> Acesso em: 1 jul. 2017.

Title

Carmilla, by Joseph Sheridan Le Fanu: lesbianism as a field of underground memory.

Abstract

This article intends to analyze the Carmilla work of Joseph Sheridan Le Fanu evidencing that through the narration and the memories of Laura it is possible to understand the lesbianism like space of the private one, underground memory or the trauma. We will emphasize lesbianism in the narrative as something diluted, presented now as friendship, now as admiration or aversion. Carmilla is a work still little known and does not present works that contemplate a theoretical discussion about the memory and the lesbianism existing in the narrative of Le Fanu. The literary space, memory and lesbianism will be treated under an interdisciplinary proposal of the contributions of Michel Foucault (1996, 2015), Sedgwick (2007), Michael Pollack (1992, 1989) and Maurice Halbwachs (2006).

Keywords

Lesbianism; Underground memory; Secret.

Recebido em: 19/10/2018.

Aceito em: 16/11/2018.